



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

GLÓRIA DA CONCEIÇÃO MARTINS OLIVEIRA

A CASA DA CRIANÇA SANTA INÊS E A MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

BELÉM-PA
2019

GLÓRIA DA CONCEIÇÃO MARTINS OLIVEIRA

A CASA DA CRIANÇA SANTA INÊS E A MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará (FAED/ICED/UFPA).

Orientador: Prof. Dr. Nilo Carlos Pereira de Souza

GLÓRIA DA CONCEIÇÃO MARTINS OLIVEIRA

A CASA DA CRIANÇA SANTA INÊS E A MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Trabalho de conclusão de curso orientado pelo Prof. Dr. Nilo Carlos Pereira de Souza, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, com requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Nilo Carlos Pereira de Souza
Orientador - UFPA

Elizabeth Orofino Lucio
Examinadora interno – UFPA

Daniele Rodrigues do Nascimento - SEDUC-PA
Examinadora interno - UFPA

A Deus, por ser minha maior força nos momentos difíceis. Aos meus pais, marido e filhas por todo incentivo e apoio para que este trabalho se tornasse possível e a meu filho amado (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força que colocou no meu coração para lutar, por ter me fortalecido ao ponto de reerguer-me perante as dificuldades, também por toda saúde que me foi dada e que permitiu alcançar esta etapa tão importante da minha vida.

À minha família tenho um agradecimento muito especial porque acreditaram em mim desde o primeiro instante. Sou quem sou porque vocês estiveram e estão sempre ao meu lado.

Ao professor Nilo Carlos. Reconheço e agradeço profundamente a confiança, paciência e orientação. Sem isso não teria conseguido.

A minha amiga Renata Coimbra, que desde o início do curso se fez presente ao meu lado, onde pude contar com a sua amizade e carinho tornando o curso mais leve e prazeroso. Sua contribuição foi fundamental para a realização deste trabalho.

Também agradeço aos meus amigos Verônica Barbosa e Nonato Pereira que contribuíram de forma expressiva na trajetória do curso.

As minhas amigas, Mailsa Costa e Rosangela Nascimento deixo aqui minha gratidão, pois tiveram um papel importante nesta fase, contribuindo com incentivos e companheirismo.

Por fim, não menos importante deixo uma palavra de gratidão a todas as pessoas que de alguma forma tocaram meu coração e transmitiram força e confiança.

A CASA DA CRIANÇA SANTA INÊS E A MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Glória da Conceição Martins Oliveira¹

RESUMO

No presente relato de experiência, farei uma reflexão em torno da mediação de leitura literária, tendo como base as ações que desenvolvi na *E.E.E.F. Casa da Criança Santa Inês*, com alunos de uma turma de 3º ano, durante o período em que cursei a disciplina “Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental”, no curso de Pedagogia da UFPA. Nas ações de mediação trabalhei com a obra *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado. Tomando como base a carência de experiências com a leitura literária no cotidiano escolar das crianças, a conscientização sobre o preconceito racial e sobre a inclusão, o objetivo maior das ações foi chamar a atenção dos alunos para a prática da leitura enquanto experiência prazerosa, visando proporcionar também a reflexão crítica das crianças. Primeiramente, farei um breve histórico de minhas experiências de leitura para chegar posteriormente às minhas observações durante o Estágio. Para tanto, busquei dialogar com o pensamento de alguns autores que se debruçaram sobre o tema da leitura literária, tais como: Tzvetan Todorov (2009), Antonio Candido (2011), Marisa Lajolo (2005), entre outros.

Palavras-chave: Escola, Formação de Leitores, Leitura Literária, Mediação.

¹Graduanda de Pedagogia- Universidade Federal do Pará- gloria-oliveira10@hotmail.com

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA -----	7
2	CASA DA CRIANÇA SANTA INÊS-----	13
3	AS AÇÕES DESENVOLVIDAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA -----	15
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	20
	REFERÊNCIAS-----	22

1. Introdução: A importância da leitura literária

O envolvimento de um sujeito na escola, através do processo da leitura, tem sido bastante desafiador para os educadores dos anos iniciais. Pesquisas no campo da formação de leitor vêm demonstrando que as crianças sentem cada vez mais dificuldades de se envolver com a prática de leitura, em especial a leitura literária. Segundo Todorov (2009), o trabalho com a leitura desenvolvido nas escolas faz com que os alunos não tenham uma boa experiência com os textos literários:

Em regra geral, o leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo ele compreende melhor a si mesmo. O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem a realização pessoal de cada um. O caminho tomado atualmente pelo ensino literário, que dá as coisas a esse horizonte (“nesta semana estudamos metonímia, semana que vem, passaremos a personificação”), arrisca-se a nos conduzir a um empasse – sem falar que dificilmente poderá ter como consequência o amor pela literatura (TODOROV, 2009. pp. 31,32).

A questão levantada por Todorov – e que se faz tema de minhas reflexões – leva-me a perceber o quanto o ensino de literatura vem sendo um trabalho desafiador para os docentes em todos os níveis de educação. O autor nos mostra que tais dificuldades já decorrem há bastante tempo e tem sido matéria recorrente de críticos e teóricos da área (SOARES, 2004; LAJOLO, 2005; COELHO, 2000; KATO, 1995; etc.). Há um consenso entre os críticos de que o trabalho com a literatura nas escolas é indispensável, uma vez que ela é uma das melhores formas para que o aluno se aproprie da cultura escrita. Logo, trago o seguinte questionamento: de que forma devemos mediar os textos literários nas escolas para que os alunos possam construir o gosto pelo ato de ler?

Fui apresentada de forma tardia aos textos longos, que geravam cansaço, pois tinham sempre o objetivo de trabalhar com a memorização e interpretação, sem estabelecer nenhuma relação prazerosa entre a obra e o leitor. Diante disso, o pensamento de Magda Soares ressalta o caráter negativo da leitura em âmbito escolar:

Em primeiro lugar, a leitura é determinada e orientada, como já foi dito, por professores, em geral os de Português, portanto, configura-se como tarefa ou dever escolar, sejam quais forem as estratégias para mascarar esse caráter de tarefa ou dever — jamais a leitura de livros no contexto escolar, seja ela imposta ou solicitada ou sugerida pelo professor, seja o livro a ser lido indicado pelo professor ou escolhido pelo aluno, jamais ela será aquele “ler para ler” que caracteriza essencialmente a leitura por lazer, por prazer, que se faz fora das paredes da escola, se se quer fazer e quando se quer fazer (SOARES, 2011, p.8).

Somente após a conclusão do Ensino Médio, comecei a ter algum contato com a leitura literária, sem as cobranças que controlavam o ato de ler nas escolas. Este contato se deu quando meu pai começou a trabalhar na livraria “Acadêmica”, que pertencia a meu tio. Acredito que, meu pai começou a se encantar com tantos livros e passou a levá-los para casa. Ele foi criando o gosto pela leitura, quando terminava de ler um livro, pegava outro. Quando via meu pai lendo, pensava que aquele livro deveria ser muito interessante, pois ele só largava quando terminava toda a leitura. Eram livros volumosos e, depois que acabava de ler, meu pai ainda fazia seus comentários – talvez não fossem direcionados a mim, mas conseguia absorvê-los criava a vontade de também ler aqueles livros. Neste sentido, Petit nos relata que:

Apesar de tudo, os mediadores culturais podem recriar situações de oralidade bem-sucedidas, permitindo uma nova travessia, um desvio por esse tempo no qual as palavras são bebidas como se fossem leite ou mel. E eles observam às vezes que, ao ouvi-los, alguns adolescentes se esticam e se curvam em posição fetal, enquanto outros fecham os olhos (PETIT, 2009, p. 59).

Mais tarde, fui pegando os livros que meu pai trazia para ler também. Confesso que a princípio me dava um pouco de preguiça, pois quando abria as páginas, não existiam quase imagens e isso me deixava desanimada. Porém, lembrava do ânimo de pai lendo demasiadamente e comentando as histórias. Desta maneira, seguia em frente e com isso, pude perceber o quanto é maravilhosa a leitura, pois viajava nas suas entrelinhas e quando percebia – aquele livro “grosso” e quase sem figuras – já havia sido devorado por mim. É válido lembrar que a maioria desses livros eram de autores, como Sidney Sheldon –*best-sellers*, tais como: *Outro lado da meia noite*, *O reverso da medalha*, *A ira dos anjos*, etc. Foi um momento que recordo perfeitamente. Lamento não ter sido motivada a leitura desde a infância,

mas acredito que este fato me fortaleceu para área da docência, pois passei a entender que poderia incentivar as crianças a lerem desde pequenas.

Em 2014, entrei na Universidade Federal do Pará e comecei a participar da vida acadêmica. Com isso, pude perceber que a leitura literária ficava ainda mais distante, pois o currículo apertado e corrido exigia somente a leitura de livros teóricos (ou apenas capítulos de livros) específicos para cada disciplina. A falta de tempo foi um problema para leitura de gêneros literários. Fui percebendo que o curso de Pedagogia acaba tornando cada vez mais difícil a leitura de obras literárias, especialmente, o contato mais aprofundado com a literatura infantil.

Em um breve estudo no currículo do curso de Pedagogia da UFPA, é possível compreender a carência de uma formação voltada para a formação do professor leitor. Das 46 disciplinas obrigatórias ofertadas pelo curso, apenas 1 tem seu conteúdo voltado especificamente para a leitura literária: Literatura Infantil. Ainda não bastasse a carência, esta única disciplina tem a carga horária menor que as outras. Enquanto a maioria das disciplinas tem a uma carga horária de 68 horas, a Literatura Infantil conta com apenas 51 horas. Esse detalhe demonstra que a leitura, enquanto experiência estética é concebida como algo secundário na formação do pedagogo. O reduzido espaço da literatura na formação acadêmica do pedagogo é, conseqüentemente, sustentar uma lacuna que o futuro educador irá carregar consigo em suas práticas de sala de aula. A necessidade de uma formação que incentive o acadêmico a apreciar a leitura literária como um bem cultural e com as habilidades necessárias para ampliar as possibilidades do texto, evidenciam alguns equívocos que se originam na concepção do referido curso.

No quarto semestre, comecei a cursar a disciplina “Estágio na Educação Infantil I”. Confesso que fiquei apreensiva, pois ainda não tinha entrado em contato com a sala de aula como futura profissional da educação. Minha turma foi dividida em pequenos grupos, distribuídos em escolas escolhidas por nós ou pela coordenação do estágio. Eu formei dupla com a colega Renata Coimbra e escolhemos a escola “Casa da Criança Santa Inês”. A turma que nos acolheu foi de Jardim I, com crianças de 4 a 5 anos. A turma continha 22 alunos regularmente matriculados e contava com uma professora (substituta) que, mais tarde, foi substituída por outra (concurada).

Nesse primeiro momento, estávamos orientadas a realizar apenas observações para depois apresentarmos um Plano de Intervenção, que seria

executado somente no “Estágio na Educação Infantil II”. Durante esse período, eu e minha colega observamos que o trabalho de leitura realizado pelas duas professoras carecia de alguns elementos importantes para a promoção do gosto pela leitura. Não bastava os livros estarem presentes em sala da aula, era preciso desenvolver um ambiente motivacional que fizesse com que as crianças se sentissem atraídas pelo ato de ler. Neste sentido, concordo com Lajolo quando diz que:

Várias campanhas voltadas para o incremento da leitura frisam aspectos prazerosos da leitura literária, como, por exemplo, que “ler é uma gostosa brincadeira” ou que “a leitura é uma viagem”. Ler é mesmo uma delícia, um grande prazer. Mas só para quem sabe, pois o prazer da leitura é um prazer aprendido. Para gostar de ler literatura, é preciso aprender (LAJOLO, 2005, p. 5).

Importante ressaltar que a autora não fala em “aprender literatura”, mas “aprender” a gostar de ler literatura. Não podemos confundir um processo em que a criança começa a se interessar pelas histórias, pelas narrativas, pelas personagens, etc, com um processo de instrumentalização que é a alfabetização e o letramento. A formação de leitor é um processo que abrange a alfabetização e o letramento, mas começa antes e vai para além desses contextos. Segundo Lajolo, o gosto pela leitura se aprende quando a criança entra em contato com leitores experientes que transmitem esse prazer que se sente quando estamos envolvidos com o mundo das palavras.

Observamos, nesse primeiro momento, que todas as salas de aula da Educação Infantil tinham um pequeno acervo de livros infantis. Porém, em muitos momentos, as crianças eram impedidas de manusear as obras – principalmente com a primeira professora que aparentava se preocupar mais com a conservação dos livros do que a introdução das crianças na cultura escrita.

A intenção era fazer um trabalho com a literatura infantil mudando a forma como se trabalhava a relação com o livro e com a leitura. Porém, fomos orientadas pela coordenadora pedagógica da instituição a permanecer com o mesmo tema da professora de sala: “musicalização”. Com o argumento de que não deveria haver contradições entre os conteúdos da professora e do estágio, tivemos de mudar nosso planejamento. Ficamos frustradas, pois não era o que queríamos.

Mais tarde, cursando o sexto e sétimo semestres, durante a disciplina “Estágio no Ensino Fundamental I e II”, eu e minha colega Renata tivemos a

oportunidade de aplicarmos algo voltado para a formação de leitor com o texto literário. Foi nesse mesmo período – no sexto semestre, para ser exato – também tivemos o contato com a disciplina Literatura Infantil. Com essa disciplina, foi possível ampliar um pouco nossa experiência com a leitura literária e com estratégias de mediação de leitura. Importante falar que essa última disciplina culminou em uma ação de incentivo a leitura na escola em que estávamos realizando os Estágios. Nesse caso, mesmo a disciplina tendo uma carga horária reduzida, ela serviu para que retomássemos de vez a ideia de se trabalhar com o texto literário.

Foi assim que cheguei ao questionamento anteriormente apresentado: de que forma devemos mediar os textos literários nas escolas para que os alunos possam construir o gosto pelo ato de ler? Essa questão serviu também como base para desenvolvermos (eu e a colega Renata) ações de mediação de leitura em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental. Levamos para as crianças o conhecido texto de Ana Maria Machado, *“Menina bonita do laço de fita”*. A ação foi bem simples: distribuímos cópias do texto para os alunos que acompanharam a leitura em voz alta. Alguns acompanhavam a leitura em silêncio, outros apenas ouviam a performance de voz. O preparo e os resultados das ações serão detalhados posteriormente.

Ainda que eu não tenha tido uma formação acadêmica pautada na ampliação de uma experiência com a leitura literária, entendia a necessidade de ampliar meu repertório com as obras se pretendia trabalhar a formação de novos leitores. A crença que a literatura, por meio da mediação do professor em sala de aula, pode encantar o aluno e levá-lo para o campo da leitura direcionou meus estudos no final do curso de Pedagogia e me induziu a realizar o presente TCC. Minha ligação com a leitura literária vai ao encontro do pensamento de Todorov, quando diz:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (TODOROV, 2009, p. 76).

A leitura literária, nesta perspectiva, é uma conquista possível e em permanente construção. Ela tem, dentre muitas características, a capacidade de

provocar a imaginação do leitor, envolvendo-o nas malhas da narrativa, com os personagens, com o ambiente das histórias, levando-o a lugares fantásticos, muitas vezes fora do alcance do real. Porém, essa viagem pelo literário acaba devolvendo o leitor para sua própria realidade, de forma mais crítica, com uma visão mais ampla de mundo, não raro, tornando-o mais ativo e com atitude mais autônoma.

A criança, muitas vezes, já traz suas histórias vividas e/ou contadas por avós, pais ou outro alguém próximo a ela. O mediador de leitura é alguém que a levará para esse mundo literário, mesmo que inconscientemente. Na escola, o professor deveria ser o primeiro mediador capacitado para fornecer aos alunos as ferramentas necessárias para um aprofundamento das práticas de leitura. É nesse ambiente de ensino que a leitura deveria se tornar mais rotineira, intensificando os laços entre a criança e o livro. Contudo, não é bem isso que acontece. Segundo Todorov (2009):

Ler poemas e romances não conduz à reflexão sobre a condição humana, sobre o indivíduo e a sociedade, o amor e o ódio, a alegria e o desespero, mas sobre as noções críticas, tradicionais ou modernas. Na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos (TODOROV, 2009. p. 27).

Portanto, parto do princípio de que o papel da escola deve ser primeiramente o de despertar o interesse dos alunos para o ato de ler. A leitura literária é sem dúvida o melhor caminho para essa tarefa, não somente porque trabalha a imaginação e leva à reflexão sobre o mundo e de sobre nós mesmo, mas também porque liberta o ser humano em sua potencialidade. O professor precisa estar preparado para ser um dos canais de mediação desse mundo de palavras, já que ele é uma peça fundamental nesse processo. Para Todorov: “A nós, adultos, nos cabe transmitir às novas gerações essa herança frágil, essas palavras que ajudam a viver melhor” (TODOROV, 2009, p. 94).

Para melhor compreendermos e mediar às ações de fomento à leitura entre os alunos, é preciso que o professor tenha uma concepção bem ampla de leitura, de literatura e de leitor. Na concepção de Candido, a leitura literária vai para além do que, em geral, vê-se nas escolas:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toques poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2011. p. 176).

Para ele, a literatura precisa ser vista como um direito básico do ser humano, pois a ficção/fabulação atua no caráter e na formação dos sujeitos. Neste sentido, a literatura encontra-se presente em todas as sociedades, manifestando-se através das práticas culturais. Os indivíduos entram em contato com ela independente de sua vontade, pois vivemos rodeados de fabulação. Nessa mesma esteira, todo sujeito é um leitor em potencial, independente se tem instrução escolar ou não, mesmo os analfabetos, estão capacitados à interagir com o mundo das palavras. Neste aspecto, o autor nos mostra que:

Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas do dia sem algum momento de entrega ao universo da fabulação (CANDIDO, 2011, p.176).

O direito à leitura literária, de acordo como Candido e Todorov apresentam, implica em uma escola que parta de uma concepção de leitura enquanto práticas sociais, que só tem validade quando o leitor se encontra motivado para tal ato. Isso implica na conquista desse leitor em potencial pelo processo de mediação. Ao mediador desta tarefa, cabe a compreensão de que “toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, *enquanto construção*” (CANDIDO, 2011, p. 179).

Sabemos que o papel do professor é importantíssimo nesse processo de mediação, especialmente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, pois é a melhor fase para despertar a fantasia que há nos alunos de modo mais intenso. Levando tal ideia em consideração, a minha atuação com os estágios do Ensino Fundamental I e II oportunizou uma rica experiência que me fez perceber questões relevantes durante as ações de mediação de leitura literária. É essa experiência que passarei a discorrer.

2. CASA DA CRIANÇA SANTA INÊS

Enquanto o Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental I se caracteriza por uma fase de observação – onde os estagiários buscam captar a rotina e as práticas educacionais de uma sala de aula – o Estágio Supervisionado do Ensino

Fundamental II tem como objetivo realizar um projeto de intervenção, onde apresentaremos na prática algumas propostas para serem implementadas em sala de aula.

Fruto de uma experiência vivenciada, o Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental II levou, eu e minha colega de estágio, a desenvolver um trabalho com os estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental. A escola que nos recebeu durante os Estágios, foi a *E.E.E.F. Casa da Criança Santa Inês*. Esta instituição fica localizada no município de Belém, na Avenida Almirante Barroso, número 3224, no bairro do Souza. O estágio ocorreu no período de setembro a outubro de 2017.

O presente projeto surgiu a partir do momento em que percebemos a carência de experiências com a leitura literária no cotidiano escolar das crianças. Durante o período de observação, verificamos que as práticas de leitura realizada pelas professoras não passavam de procedimentos instrumentais, ou seja, com objetivo de fazer com que as crianças decodificassem a estrutura do texto. Desta feita, os alunos, de um modo geral, não tinham a oportunidade de vivenciarem experiências que estimulassem o gosto pela leitura. Identificamos que as professoras não atuavam como mediadoras de leitura, propriamente dito. Elas acabavam reproduzindo práticas escolares que tornavam a leitura um processo mecânico e de caráter obrigatório. Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa nos orientam que:

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário (BRASIL, 1997, p. 29).

Nesse caso, os PCNs se alinham com uma perspectiva de prática de leitura na qual o leitor é incentivado a construir um elo entre o texto e sua realidade. Sem esse elo, a leitura perde o sentido, tornando-se mero exercício escolar. As práticas de leitura que observamos em todo o estágio deixavam de lado o aspecto subjetivo do leitor, elemento importante para conquistar e envolver o sujeito no campo da leitura.

Nosso trabalho visava a potencialização da motivação de leitura por meio da mediação de texto literário, já que percebemos a grande dificuldade da escola em proporcionar boas experiências de leitura com os alunos. Neste caso, a ação com a

obra literária veio no sentido de possibilitar a reflexão através do imaginário das crianças. Buscávamos organizar o espaço para a leitura e selecionar um texto que se enquadrasse dentro de nossa proposta, ou seja, atrair o aluno para o campo literário. Era preciso perceber o cotidiano das crianças, suas características, suas peculiaridades. Tal atitude se aproxima do que apresenta Coelho: “chega-se à conclusão de que o professor precisa estar ‘sintonizado’ com as transformações do momento presente e reorganizar seu próprio conhecimento ou consciência de mundo” (COELHO 2000, p.18).

A partir de nossas observações, decidimos trabalhar com um livro bem conhecido do público infantil: *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado. A escolha dessa obra vinha ao encontro de nossas intenções não só pela qualidade da narrativa, composta com muita sutileza e arte, mas porque trazia uma questão importante a ser discutida. Observamos que era preciso trabalhar a conscientização sobre o preconceito racial e sobre a inclusão – questões pouco problematizadas durante as aulas, apesar de presenciarmos algumas situações que apontavam para essa necessidade. Não se trata de usar o texto literário como pretexto para se trabalhar temas sociais. Na verdade, o objetivo maior é chamar a atenção dos alunos para a prática da leitura, enquanto experiência que pode proporcionar um grande prazer. Contudo, entendemos que faz parte desse prazer a reflexão que parte do ficcional para ao real, nos fazendo perceber a nossas ações no mundo. Discutir a obra de Ana Maria Machado era trazer a tona questões de formação humanizadora, como nos diria Antonio Candido.

3. AS AÇÕES DESENVOLVIDAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA

No estágio supervisionado do Ensino Fundamental II, foi possível aplicar as atividades elaboradas por mim e pela minha colega, Renata. Tais atividades foram realizadas em três momentos. No primeiro momento, entregamos o texto literário às crianças para que elas tivessem um contato maior com a obra *Menina bonita do laço de fita*. Em seguida, fizemos a leitura e deixamos que elas levassem a cópia do texto para casa. A intenção era saber se eles retornariam à leitura do texto de forma autônoma, ou com o auxílio dos pais. Com isso, também se criava a possibilidade de uma interação com a leitura de âmbito familiar. A ideia era criar outras fontes motivacionais fora da escola.

No segundo momento, eu e minha colega de estágio fizemos uma nova leitura para a turma, intensificando a performance de voz e assinalando novos elementos constituintes da narrativa. Após a leitura, percebemos a interação das crianças com o texto, pois elas faziam muitas perguntas, como por exemplo: “Por que o coelho gostava tanto da menina pretinha?”, “Se a menina fosse branquinha, ele iria gostar dela?”. Com esse tipo de questionamento, passamos a desenvolver os debates sobre aquilo que os inquietavam. Não dávamos respostas fechadas às perguntas feitas, dávamos margem para que as crianças chegassem às próprias conclusões. Não raro, era possível identificar os alunos despertando seu imaginário e formulando respostas coerentes e que não tínhamos pensado até então. As imagens a seguir, são referentes ao momento da leitura do texto.



FONTE: Arquivo pessoal



FONTE: Arquivo pessoal

No terceiro momento, após o debate sobre a obra lida e percebendo que os alunos estavam envolvidos com a história da menina negra que conquistava a atenção do coelho por conta de sua cor, aproveitamos e incentivamos os alunos a recriar a narrativa de Ana Maria Machado através de desenhos que se tornaram uma espécie de fantoches. O momento de criação fez com que cada criança expressasse o modo como eles visualizavam as personagens. Assim, surgiram inúmeras representações da menina bonita e do coelho. Registramos esse momento nas imagens a seguir:



FONTE: Arquivo pessoal



FONTE: Arquivo pessoal



FONTE: Arquivo pessoal



FONTE: Arquivo pessoal



FONTE: Arquivo pessoal



FONTE: Arquivo pessoal

Após a confecção dos desenhos, com o objetivo de oportunizar uma vivência maior com a narrativa, propomos uma representação da obra de Machado em sala de aula. Com isso, passamos a desenvolver a expressão oral, a interação interpessoal, a imaginação. Infelizmente tivemos de selecionar os que iriam fazer a representação, pois muitos alunos queriam participar desse momento. De fato, com esse último passo, já estava mais do que constatado a interação das crianças com a mediação de leitura. Não era mais necessário qualquer modelo avaliativo (provas, exercícios, trabalhos, etc.), os alunos puderam expressar todo o seu entendimento da obra:



Fonte: Arquivo pessoal

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha experiência com a mediação de leitura na Casa da Criança Santa Inês retomou aquilo que eu já tinha vivenciado durante minha juventude: sentir o prazer de explorar uma boa história contida dentro de um livro. O contato com as obras literárias, no convívio com meu pai, na curiosa busca por querer saber o que tanto ele lia, foi me levando para um tipo de relação com a linguagem bem diferente daquela que encontrava no cotidiano. Esse tipo de relação despertou em mim uma necessidade que ia para além do que eu tinha nas escolas. Um modo de se relacionar com a linguagem literária a qual Antonio Candido entendeu como a forma mais ampla possível de se entrar em contato com “todas as criações de toques poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura” (CANDIDO, 2011. p. 176). O mesmo Candido que entende a necessidade humana de fabulação, também aponta para uma concepção de leitura literária capaz de construir um ser humano melhor.

Apostando nesse poder transformador da leitura literária, eu busquei fazer – juntamente com minha amiga Renata – da *Menina bonita do laço de fita* um pequeno momento onde o imaginário infantil ganhou vida própria.

Nossa intenção sempre foi manter um clima natural, sem a rigidez das regras escolares. Decerto que tivemos de desenvolver uma forma de organização para manter a inteligibilidade das ações, mas sempre tendo como ponto de partida o diálogo e o acordo. Mantivemos um tipo de relação mediacional proposto por Petit (2009), quando ela nos diz que é preciso criar situação de mediação que permita uma experiência com as palavras saboreadas como “se fossem leite ou mel”. Ou seja, situações com o ato de ler que toque a subjetividade do leitor e faça com ele retorne a outras leituras. O mesmo processo de mediação não deixa de conter instâncias de aprendizagem, pois, ao fazer sentido para a criança, a mediação amplia a área de interesse e, conseqüentemente, a busca por respostas. Naturalmente incluímos a instrumentalização da linguagem, pois segundo Petit:

Vocês podem ver, brevemente, o quanto os aspectos da leitura estão entrelaçados, como já disse anteriormente: trata-se aqui da construção de si mesmo, mas também da introdução a um registro de utilização da língua que posteriormente será útil na escola. E ainda da sociabilidade, de tudo o que se pode compartilhar por meio da leitura (PETIT, 2009, pp. 82, 83).

Nesse caso, a experiência no Estágio me fez entender melhor o tipo de escolarização que precisa ser feito com o texto literário: uma escolarização na qual a obra lida ganhe dimensões ontológicas, levando o aluno a compreender melhor sua própria realidade. O trabalho desenvolvido na Casa da Criança Santa Inês se alinha ao que Magda Soares (2011) nos fala sobre o caráter positivo da leitura escolar. Nesse caso, buscou-se estimular uma leitura motivada apenas pela própria leitura, sem a obrigatoriedade de cunho avaliativo. As crianças ganharam a liberdade de somente escutar a história e expressar seu pensamento sobre o que foi lido.

As ações de mediação de leitura desenvolvidas por mim e pela colega Renata demonstraram que a formação de leitor nas escolas pode ter outro caráter, menos normativo e mais lúdico. Percebemos que as crianças tiveram uma maior interação e conseguiram intervir com a imaginação, recriando e representando a narrativa proposta. De outro modo, se tivéssemos usado o texto de Ana Maria Machado apenas para repassar conteúdo escolar, certamente cairíamos no mesmo erro apontado por Todorov (2009), quando nos diz que o jovem não se sente atraído pela leitura literária na escola, pois ela é feita como um fim em si mesma. Fazer das práticas de leitura um momento para se “encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo ele compreende melhor a si mesmo” (TODOROV, 2009. p. 31), foi o que pensamos ao realizar as ações de mediação.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. A especificidade do texto literário. Brasília, 1997.
- CANDIDO, Antonio. **Direito a literatura**. In: Vários escritos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil brasileira: teoria, análise didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª Ed. São Paulo: Ática, 2002.
- LAJOLO, Marisa. **Meus alunos não gostam de ler: o que faço?** Brasília: Campinas/Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.
- PETIT, Michèle. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo. Editora 34, 2009.
- SOARES, Magda. **As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto**. In: SILVA, Ezequiel T.da& ZILBERMAN, Regina. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo. Ática, 2004.
- SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In:EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (organizadoras). **Escolarização da leitura literária**. 2ª ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.